

Américo Nunes Peres

Ricardo Vieira

(coordenadores)

**Educação, Justiça e
Solidariedade na Construção da Paz**

Edição

Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP)

Centro de Investigação, Identidade(s) e Diversidade(s) (CIID) – Instituto
Politécnico de Leiria (IPL)

IN MEMORIAM

XESUS JARES RODRÍGUEZ

In Memoriam Xesus Jares Rodríguez

Américo Nunes Peres

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Chaves
Membro da Junta Directiva da AGAPPAZ

Xesus Jares foi um dos rostos que, desde o ano de 1982, trabalhou no campo da educação para a paz. O seu saber, feito de investigação e experiência, permitiu contextualizar, histórica e conceptualmente, a educação para a paz e, sobretudo, articulou a teoria com a prática no processo educativo. Para ele, a Paz era o caminho. A responsabilidade pela paz é tarefa de todos.

Assim, é imprescindível incrementar a nível internacional, nacional, regional e local, modelos e processos de formação/educação e cultura que criem alternativas cada vez mais solidárias, com vista à melhoria da humanidade. A construção da escola democrática exige o exercício de uma cidadania crítica dos vários actores, assente em práticas de liberdade, participação, pluralismo, justiça, responsabilidade e solidariedade.

Trata-se de não inventar apenas lugares de profecia e de caridade onde corra leite e mel, mas, a partir de uma análise da realidade, arquitectar formas concretas de intervenção que valorizem o paradigma democrático, de matriz cultural, social e local da educação, centrado na transformação e emancipação da pessoa humana.

Reconhecendo esta exigência permanente, o Presidente da Fundação Cultura de Paz e ex-Director Geral da UNESCO, Federico Mayor Zaragoza, no prólogo do livro *“Los derechos humanos en la educación y la cultura”*, coordenado pelo professor José Antonio Caride, exorta: *“Es tiempo de acción. Es tiempo de la gran transición de la fuerza a la palabra, de súbditos a ciudadanos, de democracias formales a democracias genuinas, de “Si quieres la paz, prepara la guerra” a “Si quieres la paz, ayuda a construiría con tu comportamiento cotidiano”. Grano a grano. Semilla a semilla, paso a paso, en los nuevos surcos y*

por los nuevos caminos de un futuro que debe ser luminoso. No podemos dejar a nuestros descendientes un medio ambiente deteriorado, una situación global caracterizada por la injusticia social, la ausencia de valores éticos, los horizontes sombríos. El legado intergeneracional constituye un compromiso supremo que, además, en estos albores de siglo y de milenio tiene, en medio del torbellino de las múltiples crisis, posibilidades de solución, destellos de esperanza.

(...) Es tiempo de acción. Es tiempo, pues, de educación. De personas libres, liberadas de tantas adherencias, con las alas sin lastre para volar alto en el espacio inacabable del espíritu. “La amplia difusión de la cultura y la educación de la humanidad para la justicia, la libertad y la paz son indispensables a la dignidad del hombre y constituyen un deber sagrado que todas las naciones han de cumplir con un espíritu de responsabilidad y de ayuda mutua”, establece la Constitución de la UNESCO en su Preámbulo. Y añade: “...La paz debe basarse en la solidaridad intelectual y moral de la humanidad” (Mayor Zaragoza, 2010: 9-10).

Associo estas palavras de Mayor Zaragoza à pessoa, à vida e à obra de Xesus Jares. Ele gostava de intervir, de melhorar as coisas, de assumir responsabilidades cívicas, mas também de conceber projectos que pudessem mudar crenças, negociar conflitos e apostar nas relações humanas. Os seus ideais, sonhos, valores e as suas práticas educativas reflexivas permitiam-nos carregar baterias para intervir no nosso local de trabalho, exercitando a liberdade, a autonomia, a convivialidade, a responsabilidade e o risco, enfrentando e resolvendo os problemas do quotidiano com autenticidade.

Poderia referir o carinho e a amizade que nos unia e tudo aquilo que “partilhámos pela verdade e esperança” (palavras utilizadas nas dedicatórias que me escrevia nos seus livros), mas gostaria de sublinhar as metodologias activas e as coreografias participativas que nos ensinou e que recontextualizamos pedagogicamente como educadores.

Um dos momentos fundadores do movimento dos Educadores e Educadoras para a Paz foi, sem dúvida, o seu livro “El placer de jugar juntos. Nuevas técnicas y juegos cooperativos”. A valorização do trabalho em equipa tem servido para o desenvolvimento de actividades, em que são utilizadas técnicas de dinâmica de grupos que potenciam

valores, sentimentos, conhecimentos, destrezas e actividades, e criam o espírito de grupo. Enunciamos, na esteira de Jares, alguns passos que fomos interiorizando e introduzindo nas nossas práticas educativas:

- Reconhecer-se nominalmente – exercícios de apresentação que possibilitam o conhecimento dos membros do grupo, através de uma comunicação horizontal com a preocupação de desenvolver relações interpessoais e criar grupo. Estes exercícios servem para fomentar um clima de confiança e diálogo entre os elementos que não se conheciam.
- Conhecer-se e saber quem é a pessoa – exercícios de conhecimento do outro em que feitas as apresentações, estamos em condições de perceber quem é o outro, isto é, as diferentes pessoas do grupo. As informações partilhadas, as opiniões sobre si próprio e sobre os outros, ajudam a conhecer melhor cada elemento e favorecem a criação de um clima participativo estruturante do grupo.
- Comunicar adequadamente – exercícios de comunicação e criatividade que permitem desenvolver diferentes suportes de representação, simbolização e inovação. Incitam-se os membros do grupo a adaptarem-se a novas situações, criando condições para ousar e inovar, utilizando procedimentos que ajudem o grupo a transformar a realidade.
- Aprender a gostar de nós – exercícios de auto-estima que permitem a valorização da pessoa, uma vez que a auto-estima é a atitude positiva de cada um para consigo próprio. Trata-se de aprender a gostar de nós, superando as barreiras entre o “nós” e os “outros”.
- Sentir-se bem consigo próprio – exercícios de confiança, em que esta é um elemento-chave no processo de comunicação. É necessário um diálogo autêntico, sem bloqueios nem rupturas, aumentando a confiança mútua entre os membros do grupo. Sentir medo de falar em grupo supera-se quando existe um bom clima e se estimulam as pessoas a participar.
- Aprender a colaborar – exercícios de cooperação, em que o trabalho cooperativo estimula a descentração de cada um dos elementos do grupo, de forma a sentirem as tensões entre o “eu” e o “outro”. Ao mesmo tempo que se desenvolvem tarefas de grupo, não se prejudicam os projectos de si ou de cada um.

Esta metodologia permite-nos clarificar como os valores são o resultado de várias influências sociais, culturais, históricas, psicológicas, etc., que variam de acordo com os contextos e a educação. Cada um de nós tem a sua história, o seu trajecto, os seus interesses e objectivos que se podem miscigenar, vivenciando papéis, estatutos e experiências diferentes. As barreiras entre o “nós” e os “outros” não são apenas tipificadas por figuras como ciganos, migrantes, habitantes de bairros sociais e muçulmanos, mas existem, de uma forma implícita e persistente, no nosso quotidiano.

A máxima socrática “conhece-te a ti próprio” necessita de uma reflexão crítica “ao longo da vida” e “na e com a vida”. Tomar consciência do que valorizamos, sentimos, pensamos e cremos, exige dialogar, escutar, aprender, intervir, resolver conflitos na família, na escola e na comunidade. A pedagogia da convivência, a educação para os valores, para a paz, para os direitos humanos e igualdade de oportunidades, para a solidariedade, para a tolerância, a educação intercultural e cidadania podem potenciar-se e potenciar o aprender a viver juntos, com jogos de descoberta eco-social, jogos de integração grupal e de desenvolvimento da sensibilidade, vivenciados de uma forma prática, ainda que indirecta, através do *role-playing*, já que os participantes percebem os diferentes aspectos da sua relação com os outros. Todavia, nem tudo é aceitável e válido na construção da pedagogia da convivência, sendo imprescindível definir os limites do respeitável e do tolerável, lutando para que não se cometam violações dos Direitos Humanos.

Jares sublinhava que os programas para a convivência devem reconhecer que os problemas existem e no nosso dia-a-dia somos, amiúde, confrontados com estereótipos e preconceitos com manifestações de intolerância e violência e, ainda, discriminação e exclusão nos mais variados espaços sociais, nomeadamente nas escolas e nas comunidades educativas.

Efectivamente, negociar conflitos e procurar consensos, respeitando os dissensos, exige lidar com situações difíceis. Assim, é imprescindível conhecer a origem, o contexto e os problemas concretos que as pessoas ou grupos, em oposição, apresentam. Além disso, é necessário criar condições para a interpelação dialógica, tendo consciência que há

estratégias e processos que favorecem as soluções e outros que as dificultam.

Modelo de negociação de conflitos

APRENDE A CONVIVER DIANTE DUM CONFLITO, QUE FAZER?	
FAVORECE A SOLUÇÃO	DIFICULTA A SOLUÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> · Ter calma · Escutar activamente · Utilizar uma linguagem respeitosa · Diferenciar o problema da pessoa · Focalizar a atenção no problema · Saber defender as posições respeitando os sentimentos da outra parte · Saber pedir desculpas quando se comete um erro · Propor soluções · Buscar acordos e ser respeitosos com os mesmos · Ter espaços e tempos para afrontar os conflitos 	<ul style="list-style-type: none"> · Insultar · Ameaçar · Culpabilizar · Acusar · Desprezar/ridicularizar · Julgar · Ver só a nossa perspectiva · Generalizar/"etiquetar" · Bater · Levantar outras questões não ligadas ao conflito · Não assumir responsabilidades
VIVER Juntos, Conviver	

Fonte: Jares, 2001

Em resultado desta dinâmica, ao longo dos últimos anos, vários municípios, bairros, escolas, sindicatos, associações, ONG... têm desenvolvido, em contextos diversos, projectos relevantes para responder aos desafios do nosso século: aprender a viver e a conviver. Jares tinha consciência que a mediação contribuía para a resolução pacífica dos problemas e conflitos. Neste sentido, a figura do mediador deveria ser um educador que estabelecesse pontes entre as partes e, ao mesmo tempo, criasse relações humanas solidárias. Esta pedagogia da convivência aposta na criação de espaços e tempos de reflexão sobre os problemas da condição humana, bem como na afirmação da

hospitalidade e no respeito pela alteridade dos seres humanos. É esta a concepção que está plasmada nos seus textos, quando afirma: “*Enfatizar el valor de la vida humana y la dignidad de todas las personas, lo que implica fomentar la cultura de la no-violencia, de la paz y la solidaridad*” (Jares, 2005: 125).

Modelo de programa para melhorar a convivência

Concelho de Lugo – Programa para Melhorar a Convivência
APRENDE A CONVIVER
Programa educativo municipal A MEDIAÇÃO
EM QUE CONSISTE?
<ul style="list-style-type: none"> · É um processo de resolução de conflitos que consiste na intervenção duma terceira pessoa, o mediador ou mediadora, que procura que as partes em conflito cheguem a um acordo mediante o diálogo. · A mediação tem de ser livre e voluntária. · O mediador ou mediadora tem de ser aceite pelas partes em conflito e deve ser neutral e imparcial.
QUE ESTRATÉGIAS USA O MEDIADOR OU MEDIADORA?
<ul style="list-style-type: none"> · Escuta activamente. · Mostra interesse e anima as partes em conflito, para que cheguem a um acordo. · Gera confiança nos contudentes. · Guarda confidencialidade, garantindo anonimato do que se fale. · Faz perguntas de esclarecimento. · Sintetiza e resume os assuntos mais importantes. · Não toma decisões, nem acusa, nem castiga.
COMO FAZÊ-LO?
<ul style="list-style-type: none"> · Não existem regras fixas. Geralmente, seguimos os seguintes passos: · Clarificamos as regras da mediação e as formas de resolução, com as partes em conflito. · Facilitamos que as partes contem a sua visão do conflito e “desabafem” (este desabafo só tem a limitação de não poder intimidar ou violentar). · Escutamos sem interromper e favorecemos para que as partes se escutem. · Fazemos perguntas ou pedimos esclarecimentos, para ajudar a identificar o conflito. · Animamos as partes, para que encontrem soluções e realizem acordos.

Fonte: Jares, 2004

Revedo o trajecto da vida e da obra de Jares, poderemos afirmar que, apesar de assistirmos a um “boom” da mediação, especialmente na esfera familiar e laboral, o reconhecimento da mediação sócio-pedagógica, entendida como facilitadora de relações interpessoais positivas, tem sido lento. A criação de programas de convivência nas escolas potenciadores de lugares de encontro entre famílias, professores, alunos e funcionários, ajudada pela entrada de profissionais de educação social e animação sociocultural, entre outros, não tem correspondido às necessidades e expectativas das comunidades educativas.

Não basta falarmos em discursos renovadores e continuarmos reféns de uma escola guardiã do saber ao serviço de um poder centralizador, sem atender às identidades das escolas e das comunidades. A escola burocrática, administrativa e centralista não permitiu construir autonomias para gerir projectos relevantes em relação à tríade – transmissão/reprodução/emancipação – de saberes, valores e práticas educativas.

Nóvoa (2005; 2009) refere que a “escola transbordante, exorbitante e sufocada por um excesso de missões” não pode ser responsabilizada por todas as maleitas da sociedade e ainda não conseguiu transformar-se num “espaço público de educação”. Também Lipovetsky e Serroy, (2010: 189) sustentam: *“É necessário voltar a dizê-lo: a nossa escola não está bem. Ela requer uma reacção e, sem dúvida, uma reforma intelectual profunda para a reorientar e a colocar em condições de poder honrar as suas promessas de formação e de mobilidade social. É necessário denunciar os desvios dum certo pedagogismo e reforçar os contrapesos capazes de reestruturar a desorientação e a desorganização (educativa e psicológica) enormes que têm origem na sociedade de hiperconsumo”*.

Em nossa opinião, para que a escola seja efectivamente uma escola democrática e para todos, por todos e com todos, deve estar aberta à diversidade e inclusão – exigindo repensar a sua estrutura interna (normas, gestão participativa, apoios educativos, recursos, curriculum, espaços, tempos, etc.) e ligar-se à comunidade envolvente, criando programas em parceria com outras instituições educativas, sociais e culturais, desenvolvendo projectos vertebrados num permanente diálogo cívico entre a escola e a comunidade. A pedagogia social em articulação

com a pedagogia escolar joga, aqui, um papel importante. Há que encontrar dinâmicas de aprendizagens comunitárias capazes de estimular e criar a participação activa das populações, tanto a nível individual como colectivo.

Não existem fórmulas mágicas de integrar valores, sentimentos, normas e hábitos, na vida escolar, que ajudem a combater, desde dentro, a cultura hegemónica e todas as formas de exclusão existentes na sociedade. No entanto, há processos e experiências vividas que abrem caminho para a mudança de mentalidades e atitudes em relação à integração/inclusão da diversidade na escola e na sociedade.

É imperioso desenvolver uma nova concepção de escola e de professor, ou seja, escolas e professores que promovam sonhos e utopias para a instrução/educação. As escolas democráticas, inclusivas e interculturais são aquelas que combatem as desigualdades socioculturais e promovem o respeito pela diversidade cultural, questionando os discursos monoculturais e desenvolvendo práticas de justiça curricular, social e inclusão de todos os parceiros do processo educativo. Professores interculturais são aqueles que participam na construção de um sistema educativo que proporciona a igualdade para viver (educação e formação) e a diversidade para conviver (direito à diferença, tolerância, convivência...), isto é, proporciona o encontro, o diálogo e a negociação permanente de conflitos entre pessoas e culturas diferentes. Por outras palavras, são aqueles que caminham em direcção a uma «boa educação», alicerçada na pedagogia da convivência, intercultural, ambiental, etc., ou em outras formas de entender o desenvolvimento social e humano.

Neste contexto, o sistema educativo, a escola e a comunidade criam alternativas de tipo pedagógico e social potenciadoras de um desenvolvimento comunitário democrático, justo, ético e solidário.

Todavia, Perrenoud (1995) e Santos Guerra (2009) afirmam que “La escuela no sirve para nada”. Assim, a escola não deve ser uma oportunidade perdida, mas bem ao contrário, deve ser, cada vez mais, uma instituição que não se limita ao discurso sobre a igualdade de oportunidades em relação ao acesso/sucesso escolares e ao respeito pela diversidade, mas desenvolve práticas de justiça social, solidariedade e respeito pelos parceiros no processo educativo. De nada serve proclamar

a igualdade de oportunidades, se não se tiver oportunidades de igualdade como condição (Baker e outros, 2004).

Tudo isto foi referido por Jares e outros autores que, partindo da pedagogia da esperança, continuam a acreditar que a educação, a cultura e a formação dos educadores, dos professores e dos profissionais de mediação sócio-pedagógica e cultural podem enfrentar os novos riscos e desafios colocados pela globalização. Na verdade, o trajecto da humanidade tem sido demasiado lento no processo de conscientização de uma cidadania multicultural e planetária, sendo imprescindível intensificar redes de comunicação entre povos e culturas, por forma a promover as relações interculturais. É preciso combater a angústia, a intolerância, o ódio, a violência, o terror e a indiferença que, ainda, invadem ambientes familiares, escolares, comunitários. Urge construir projectos políticos e educativos ancorados na educação para a paz, na interculturalidade e no desenvolvimento humano, solidário e social.

É importante conhecer e compreender a relação entre o mundo de onde se vem e o mundo para onde se vai, pois, a perspectiva do outro favorece a eliminação de preconceitos, estereótipos e formas de exclusão. É, neste contexto, que Besalú Costa (2002: 39) sublinha: *“educar a partir do outro é o novo paradigma educativo. A Europa desenvolveu uma cultura da identidade, mas não uma cultura da diferença. Todos os diferentes têm sido sistematicamente marginalizados e reprimidos: tanto os de fora (colonialismo, escravidão...) como os de dentro (pagãos, hereges, mulheres, pobres, ciganos, deficientes...).* Desde sempre a diferença tem sido vista como uma ameaça para a própria identidade: o diferente gera medos, infere suspeitas”.

Acreditamos que é possível dar um novo rosto à educação e reconstruir uma escola/comunidade diferente, na qual, o ensino e a educação valorizam o pluralismo cultural e lutam pela justiça social, reorganizando o currículo escolar, alargando as práticas pedagógicas e culturais a outros espaços e tempos sociais, de forma a colocar em evidência o respeito pela pessoa com base na diversidade.

Desta forma, é imperioso repensar o papel da Escola Pública e a acção dos educadores, professores e mediadores sócio-pedagógicos, tanto na perspectiva ética e política, como na técnica ou profissional.

Além disso, é imprescindível atender ao contributo da pedagogia social e, especificamente, à mediação sócio-pedagógica como uma estratégia educativa que permite uma melhor articulação entre os espaços e tempos educativos formais, não-formais e informais.

Estamos de acordo com Baptista (2008: 17), quando refere: *“Só um processo de construção solidária do conhecimento, apoiado em dinâmicas de hospitalidade interdisciplinar e interprofissional permite gerar leituras adequadas à multidimensionalidade dos fenómenos educativos e sociais. Este esforço depende muito da forma como, no plano da realização prática, os saberes teóricos forem sendo «incorporados», vividos e conceptualizados pelos sujeitos que protagonizam a intervenção sócio-educativa. Salientando, porém, que as percepções dos técnicos são importantes e decisivas, mas na medida em que elas resultam de um diálogo reflexivo, e comprometido, com as pessoas e as situações”.*

Efectivamente, o trabalho desenvolvido pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto, no âmbito da pedagogia social, tem vindo a ganhar cada vez mais visibilidade através da produção do conhecimento sobre dinâmicas e experiências, tanto a nível da vida individual como colectiva, junto de instituições socializadoras – escola, família, igreja, associações cívicas, ONG, etc. –, desafiando aqueles que se preocupam com os valores democráticos da educação. Sabendo que a mediação sócio-pedagógica não é um fenómeno homogéneo, começamos a construir alguns saberes ancorados em crenças, representações, concepções, pensamentos e competências dos mediadores sócio-pedagógicos e que resultam de diferentes contextos de socialização experienciados por estes técnicos.

Também Ricardo Vieira e Pedro Silva, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria e Marcelino Lopes da UTAD Pólo de Chaves, têm contribuído para a construção de referenciais teórico-conceptuais sobre o perfil dos mediadores sócio-pedagógicos e, ainda, das qualidades/competências para o seu desempenho profissional. De uma forma sintética, apresentamos o quadro seguinte que, em nossa opinião, retrata os saberes, as fontes sociais e pedagógicas de formação, bem como os modos de integração no trabalho dos mediadores sócio-pedagógicos.

Saberes dos Mediadores Sócio-Pedagógicos

Saberes dos Mediadores Sócio-Pedagógicos	Fontes Sociais de Aquisição	Modos de integração no Trabalho Sócio-Pedagógico
<ul style="list-style-type: none"> Saberes pessoais; Saberes provenientes da formação académica; Saberes provenientes da formação profissional para a mediação sócio-pedagógica; Saberes provenientes dos programas e projectos pedagógicos usados no trabalho; Saberes provenientes da sua própria profissão, em diferentes situações e contextos. 	<ul style="list-style-type: none"> Família, ambiente de vida, educação no sentido lato, etc. Formação académica Básica, Secundária e Superior; Estabelecimentos de formação de mediadores sócio-pedagógicos, estágios, cursos de formação ao longo da vida, etc.; Utilização das “ferramentas” dos mediadores sócio-pedagógicos: programas, projectos, técnicas, estratégias, histórias de vida, etc.; A prática do ofício em diferentes situações, contextos, experiência entre pares, diálogo interprofissional, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> Pela história de vida e pela socialização primária; Pela formação e pela socialização pré-profissionais; Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de mediadores sócio-pedagógicos; Pela utilização das “ferramentas” de trabalho e sua adaptação às tarefas; Pela prática do trabalho e pela socialização profissional e interprofissional.

Fonte: Elaboração própria, 2010.

Há já um longo caminho percorrido a favor da mediação sócio-pedagógica e da educação para a paz. O legado de Jares uniu esforços e vontades de muitos. O seu projecto e trajecto merecem ser estudados. A melhor forma de honrarmos o seu trabalho é continuarmos estes encontros, conferindo-lhes o nosso compromisso a favor da educação, da justiça e solidariedade na construção da paz. Em sua memória, para que ele continue connosco, damos-lhe a palavra: “*Porque os camiños da paz son sinónimos de compromisos, de accións, de flexións, de estudos, etc., mais tamén de comunicación, de entrega, de tenrura, e afecto, de amor, de solidariedade, de reciprocidade. Son camiños para compartir e recoñecer, acompañar e estar acompañado. Camiños que veñen de mui lonxe, desde moi diferentes xeografías e espazos socioculturais, con distintas rutas – como os diferentes camiños que levan a Santiago de*

Compostela –, desde disciplinas e opcións ideolóxicas diversas. Por todo iso estamos persuadidos de que os camiños da paz teñen que construírse desde o compartir, a cooperación, o compromiso, a razón, a beleza, a amizade e a tenrura” (Jares, 2008a: 16-17).

Escrever sobre o que estamos a fazer como educadores e educadoras pela paz, é uma forma de partilhar as nossas trajectórias e, através de um diálogo reflexivo e crítico com a práxis educativa, aprofundar os caminhos da paz, ancorados pelos valores da liberdade, da democracia, da justiça, da diversidade, da responsabilidade e da solidariedade.

Legado de Jares

Jares, J. R. (1992). *El placer de jugar juntos Nuevas técnicas y juegos cooperativos*. Madrid: Editorial CCS.

Jares, J. R. (1998). *Educación e dereitos humanos*. Vigo: Xerais.

Jares, J. R. (1999). *Educación y derechos humanos*. Madrid: Editorial Popular.

Jares, J. R. (2001). *Educación y conflicto. Guía de Educación para la convivencia*. Madrid: Editorial Popular.

Jares, J. R. (2002). *Educación e conflito. Guia de Educação para a convivência*. Porto: Asa Editora.

Jares, J. R. (2002). *Educación para a Paz. Sua teoría e sua práctica*. Porto Alegre: Artmed.

Jares, J. R. (2004). *Educación para la Paz en tiempos difíciles*. Bilbao: Bakeaz.

Jares, J. R. (2005). *Educación para la Paz. Su teoría y su práctica*. Madrid: Editorial Popular.

Jares, J. R. (2005). *Educación para a verdade e para a esperanza*. Porto Alegre: Artmed.

- Jares, J. R. (2005). *Educar para la verdad y la esperanza. En tiempos de globalización, guerra preventiva y terrorismos*. Madrid: Editorial Popular.
- Jares, J. R. (2005). *Técnicas e xogos cooperativos para todas as idades*. Vigo: Xerais.
- Jares, J. R. (2006). *Aprender a convivir*. Vigo: Xerais.
- Jares, J. R. (2006). *Educar para a verdade e a esperança*. Porto: Asa Editora.
- Jares, J. R. (2006). *Pedagogia de la convivencia*. Barcelona: Graó.
- Jares, J. R. (2007). *Educar para paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athena.
- Jares, J. R. (2007). *Pedagogia da convivência*. Porto: Profedições.
- Jares, J. R. (2007). *Técnicas e jogos cooperativos para todas as idades*. Porto: Edições Asa.
- Jares, J. R. (2008a). *Educación e Paz I. 25 anos de Educadores pola Paz*. Vigo: Xerais.
- Jares, J. R. (2008b). *Educación e Paz II. Presente e futuro da construción da Paz*. Vigo: Xerais.
- Jares, J. R. (2008c). *Educación e Paz III. Literatura Galega pola Paz*. Vigo: Xerais.
- Jares, J. R. (Coord) (1986). *Educar para ama-la paz*. A Coruña: Via Lactea.
- Jares, J. R. (Coord) (1996). *Construir a Paz. Cultura para a Paz*. Vigo: Xerais.

Referências bibliográficas

- Azevedo, J. (2007). TCA: Trofa comunidade de aprendentes, um projecto de regulação sociocomunitária da Educação. In Peres, A. N. e Cid, X. M. (ed.s), *Educação Social, Animação Sociocultural,*

- e Desenvolvimento Comunitário*. Volume 2. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 907-917.
- Baker, J. e outros (2004). *Equality – from theory to action*. Nova Iorque: PalgraveMacMillan.
- Baptista, I. (2008a). Autoridade social da instituição escola e cidadania solidária. *A Página da Educação, Série II, n° 185*, Verão 2009, pp. 52-53.
- Baptista, I. (2008b). Pedagogia Social: uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção. *Cadernos de Pedagogia Social*, pp. 7-30.
- Besalú Costa, X. (2002). *Diversidad Cultural y Educación*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Candau, V. M. (coord.) (2003). *Somos Tod@s Iguais: escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Caride Gómez, J. A. (2005). *Las Fronteras de la Pedagogía Social: perspectivas científica e histórica*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Carvalho, A. e Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cortês, L. e Stoer, S. (1996). A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas. *Inovação*, N.º 9, pp. 35-51.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Paz e Terra.
- García Molina, J. e Marí Ytarte, R. (coords.) (2002). *Pedagogia Social y mediación*. Toledo: APESCAM-Universidad de Castilla-La Mancha.
- Lipovetsky, G. e Serroy, J. (2010). *A Cultura-Mundo: resposta de uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- Lopes, M. S. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção.

- Magalhães, A. e Stoer, S. (2006). Inclusão social e a "escola reclamada". In Rodrigues, D. (org.), *Inclusão e Educação. Doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, pp. 65-84.
- Mayor Zaragoza, F. (2009). Prólogo. In CARIDE GÓMEZ (coord). *Los Derechos Humanos en la Educación y la Cultura: del discurso político a las prácticas educativas*. Rosario/Argentina: Homo Sapiens Ediciones, pp. 9-15.
- Meirieu, Ph. (2001). *La opción de Educar. Ética y pedagogía*. Barcelona: Octaedro.
- Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente: histórias da educação*. Porto: Edições ASA.
- Nóvoa, A. (2009). Professores: a história é o que somos mais o que podemos fazer. *A Página da Educação, Série II, n° 187*, pp. 14-19.
- Ortega Esteban, J. (2004). Pedagogía Social, realidades actuales y perspectivas de futuro. *I Congreso Iberoamericano: Pedagogía Social, Globalización e Desarrollo Humano*. Santiago do Chile: Universidade Mayor/Sociedad Iberoamericana de Pedagogía Social, pp. 1-15 [CD-ROM].
- Peres, A. N. (1999). *Educação Intercultural: utopia ou realidade?*. Porto: Profedições.
- Peres, A. N. (2004a). Animation et Animateurs au Portugal. In Gillet, J. C. (dir.), *L'animation professionnelle et volontaire dans 20 pays. Tome 1 e 2*, Paris: L'Harmattan, pp. 179-194.
- Peres, A. N. (2004b). A Animação Sociocultural no centro do desenvolvimento pessoal e comunitário. *A Página da Educação, ano 13, n° 130*, Janeiro de 2004, p. 27.
- Perrenoud, Ph. (1995). *La pedagogie à l'école des différences*. Paris: ESF Editeur.
- Santos Guerra, M. A. (2009). La escuela no sirve para nada. *A Página da Educação, Série II, n° 187*, Inverno 2009, pp. 20-21.

- Silva, P. (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Stoer, S. R. (1994). Construindo a escola democrática através do «Campo da Recontextualização Pedagógica». *Educação, Sociedade & Cultura, N.º 1*, pp. 7-27.
- Teodoro, A. (2006). *Professores, para quê? Mudanças e desafios na profissão docente*. Porto: Profedições.
- Torrego, J. C. (2003). *Mediação de conflitos em instituições educativas*. Porto: Edições ASA.
- Torres Santomé, J. (1993). Las culturas negadas y silenciadas en el currículo. *Cuadernos de Pedagogía, N.º 217*, pp. 60-66.
- Vieira, R. (1999). *Ser Igual. Ser Diferente: encruzilhadas da identidade*. Porto: Profedições.
- Vieira, R., Margarido, C. e Mendes, M. (orgs.) (2009). *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões*. Porto: Edições Afrontamento.